

RECORDANDO O "VELHO PICCAROLO"

Odilon Nogueira de MATOS

Com seu livro "Um socialismo possível" (São Paulo, T. A. Queiroz, 1988), Alexandre Hecker pretendeu - e o conseguiu plenamente - dois objetivos: contribuir para a história das idéias e dos movimentos sociais em São Paulo no início deste século; e, inserido neste contexto, retratar a atuação da grande figura que foi Antônio Piccarolo, um dos vultos mais expressivos da vida intelectual da capital paulista nos quarenta e tantos anos que nela viveu. Nos primeiros tempos, apenas como diretor de jornais italianos (e para isto foi que veio ao Brasil)), depois, plenamente integrado na vida cultural de São Paulo.

Voltando à profissão docente que, quando moço, exercera em seu país, lecionou em importantes estabelecimentos de ensino da capital, como a Escola Normal do Brás, a Faculdade Paulista de Letras e Filosofia, a Escola de Sociologia e Política e a própria Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, da qual não chegou a ser professor titular, mas para a qual era sempre convidado cada vez que surgia oportunidades de cursos especiais e conferências. Um dos seus melhores livros - "Augusto e seu século" - resultou de conferências pronunciadas nessa Faculdade nas comemorações do bimilenário do criador do Império Romano (1938) e foi editado oficialmente pela própria Faculdade, inaugurando a série de "História da Civilização" de suas publicações. Da mesma forma, seu livro sobre história das doutrinas políticas resultou de aulas ministradas na Escola de Sociologia e Política.

Para quem, como o autor desta nota, conheceu bem o grande mestre, com ele convivendo, e dele guardando excelentes recordações, nada mais agradável que este livro do professor Alexandre Hecker. O autor, dada a natureza de seu trabalho, preocupou-se mais com a obra de Piccarolo em sua liderança face à colônia italiana. Faz-se necessário, agora, algo que retrate em toda a sua extensão a participação do mestre na vida cultural de São Paulo e que analise a obra vasta e variada que deixou.

Convivi com ele em pelo menos em três entidades culturais da Capital: a Faculdade Paulista de Letras e Filosofia, a Escola de Sociologia e Política e a Universidade de São Paulo, acompanhando com o maior interesse suas eruditas conferências e seus cursos da mais variada natureza: da mesma forma, acompanhei, sempre ávido de novos conhecimentos, os inúmeros artigos que publicou na imprensa paulistana, notadamente em “O Estado de S. Paulo”. Conservo até hoje numerosas pastas contendo seus artigos, que ainda leio com frequência e com o maior proveito. Muitos deles, reunidos, vieram a formar livros, como, por exemplo, “A Guerra e a Paz na História” e a “Introdução à Economia Social”.

Uma de suas maiores realizações foi a criação, em 1931, da Faculdade Paulista de Letras e Filosofia, pioneira nos estudos desta natureza em São Paulo e que antecipou de alguns anos muitos dos cursos que vieram a ser ministrados posteriormente na Universidade de São Paulo. Com a fundação desta, a modesta faculdade criada por Piccarolo e Alcântara Machado, praticamente perdeu sua razão-de-ser, pois, com a Universidade oficial, instituiu-se a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde as matérias lecionadas na primitiva Faculdade Paulista puderam ser desenvolvidas em proporções maiores, mais sistematizadas e com a vantagem de integrarem uma carreira universitária, condições que a “Faculdade do velho Piccarolo” (como carinhosamente a chamávamos) não poderia oferecer.

Conheci a Faculdade Paulista nos seus dois últimos anos de funcionamento e posso testemunhar o interesse e a dedicação de seus professores, que acorriam, todas às noites no auditório da tradicional Escola Normal da Praça da República, para um trabalho pioneiro, que, de fato, pela primeira vez era realizado em São Paulo. Aliás, diga-se a bem da verdade, que a “Faculdade do velho Piccarolo” congregava o que havia de mais expressivo na Capital paulista, nas áreas que interessassem aos seus cursos. Nela lecionaram, além do próprio Piccarolo, Ricardo Severo, Artur Mota, Alberto Seabra, Otoniel Mota, Alfredo Ellis Júnior, Marques da Cruz, “Yan” de Almeida Prado, Francisco Isoldi e ainda alguns outros, cujos nomes me escapam.

Com vários deles tive excelente relacionamento, guardando deles recordações da primeira ordem: Artur Mota, a quem muito fiquei devendo como orientador de minhas leituras de Literatura Brasileira; Otoniel Mota, a quem me ligavam laços de amizade que vinham já de minha família e em cujas “Lições de Português” aprendi, tanto quando nas velhas gramáticas de Eduardo Carlos Pereira, o que sei de nossa língua; Alfredo Ellis Júnior, com sua barba ruiva, que ele dizia ser lembrança das trincheiras

de 1932 e da qual dizia o velho Piccarolo que o tornava extremamente parecido com seu pai, o senador Alfredo Ellis; Francisco Isoldi, vindo para o Brasil contratado pelo antigo “Istituto Medio Dante Alighieri”, pioneiro em São Paulo num campo depois muito procurado, qual a “Introdução aos Estudos Históricos”, autor de um livro contendo a matéria lecionada na Faculdade Paulista de Filosofia, intitulado precisamente “Lições de Introdução à História e Crítica Histórica”. Isto, sem falar, naturalmente, no velho Piccarolo, cuja evocação nesta nota me propiciou evocar também a escola que ele criou. Escola que desapareceu sem que se lhe escrevesse a história. Nenhum dos seus professores se conta mais entre os vivos. O último a falecer foi “Yan” de Almeida Prado. E poucos anos antes, falecera João Guilherme de Oliveira Costa, o secretário da escola, provavelmente o guardador de seu arquivo. E com ele, foi-se a crônica da pioneira Faculdade Paulista de Letras e Filosofia.